



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Mundo do trabalho.

Implicações metodológicas ao pesquisar trabalho controlado por aplicativo¹

Silvanir Destefani Sartori²
Maria Cristina Dadalto³

Resumo: As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), caracterizadas neste artigo por aplicativos, reconfiguraram diversas modalidades de trabalho, tendo como um de seus efeitos a precarização. A partir deste cenário, tendo como propulsor pesquisa com a finalidade de compreender o trabalho de entrega de comida controlado por aplicativo, o presente artigo objetiva discutir implicações ao conceituar e caracterizar aplicativos como ambientes e discutir a adequação de técnicas para produzir dados nessas circunstâncias. Para tal, é discutido as implicações de compreender *smartphone* e aplicativo como ambientes e a adequação de técnicas de participação observante e observação livre. As reflexões permitiram concluir pela necessidade de postura reflexiva na construção do método de pesquisa.

Palavras chaves: Trabalho. Aplicativo. Smartphone.

Methodological implications when researching app-controlled work

Abstract: Information and Communication Technologies (ICTs), characterized in this article by applications, reconfigured several modes of work, having as one of its effects the precariousness. From this scenario, having as propellant research in order to understand the work of food delivery controlled by application, this article aims to discuss implications when conceptualizing and characterizing applications as environments and discuss the adequacy of techniques to produce data in these circumstances. To this end, it is discussed the implications of understanding smartphone and application as environments and the adequacy of techniques of observant participation and free observation. The reflections allowed to conclude by the need of reflective posture in the construction of the research method.

Keywords: Work. Software. Smartphone.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), caracterizadas neste artigo por aplicativos (softwares funcionantes em *smartphone* com conexão à *internet*), reconfigurou diversas modalidades de trabalho. Entre essas, o trabalho de entrega de comida, resultando na submissão dos trabalhadores a diretrizes

¹ Por envolver seres humanos, o projeto de pesquisa que permite as reflexões desse artigo, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, aprovado sob o parecer nº 5.620.281.

² Doutorando em Ciências Sociais e mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: silvanirdestefani@gmail.com.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Docente adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: mcdadalto@gmail.com.

comunicadas por esses maquímicos informacionais, portanto, num modelo de sistemas de controle do trabalho que difere na forma dos que vêm sendo utilizados durante décadas. Este sistema controlado por aplicativos, expandido com o aumento da demanda por entregas durante o isolamento social ocorrido em razão da pandemia da Covid 19, implicou na precarização do trabalho. De modo que os trabalhadores passaram a integrar um modelo de “empreendedorismo” no qual são responsáveis pelos custos de aquisição e manutenção de seus instrumentos de trabalho: motocicletas, bicicletas e até carros. Além de assumir todas as despesas deste “autoempreendedorismo” e com ele os custos de previdência, de alimentação, seguro, além da rapidez que se obrigam executar as entregas para ampliar a renda, atendendo mais pedidos.

A implementação deste modelo “autoempreendedor” trouxe consigo o assalariamento travestido de trabalho autônomo. Com ele, as empresas plataformas (*Ifood, Rappi*, entre outras), detentoras do controle dos aplicativos, burlam a legislação social dos países onde atuam, potencializando seus lucros. A de se considerar que muitas destas plataformas são controladas por grandes empresas internacionais de varejo (ANTUNES, 2019; BROWN, 2020; SODRÉ, 2021).

Estas reconfigurações, por sua vez, exigem novas metodologias de pensar e produzir pesquisas sobre trabalho. Elas exigem reflexões a apreensão e construção de métodos que viabilizem compreensão dos aplicativos, até porque se tornaram ambientes ocupados no cotidiano de trabalho. Com isso, disciplinas como a Antropologia Computacional,⁴ categoria teórica que conduz nossas reflexões neste artigo, contribui ao nortear técnicas para a produção de dados que considere características de *softwares* e do estar *online*.

É a partir deste contexto, que objetivamos discutir implicações no processo de pesquisa ao conceituar e caracterizar aplicativos e *smartphones* que controlam o trabalho como ambientes, e discutir a adequação de técnicas para produzir dados nessas circunstâncias, sem deixar escapar que o trabalho ocorre também na geografia da cidade. Destaca nesta comunicação o fato de sê-la construída com base estudos desenvolvidos para a tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação de Ciências

⁴ No caso específico, disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em 2022/2 pela professora doutora Patrícia Pereira Pavesi.

Sociais da Ufes por Silvanir Destefani Sartori, intitulada “Corpo e alma no cartografar trabalho controlado por aplicativo”, sob a orientação da professora M. Cristina Dadalto. Nossas reflexões aqui tecidas, partem desse processo de pesquisa que acompanhou o trabalho controlado pelo aplicativo (*software*) *Ifood*. Esta plataforma controla as atividades de entregadores que se locomovem de bicicleta, recorte da pesquisa, com o propósito de coletar comida no local de produção (restaurantes e lanchonetes) e transportar até o consumidor final (geralmente em locais onde se habita ou trabalha).

O mesmo trabalho é realizado com a locomoção por motocicleta, mas esta modalidade não foi objeto da pesquisa empreendida, devido a percepção das vivências dos trabalhadores que fazem entregas com bicicletas serem significativamente distintas daqueles que se locomovem com motocicleta.

Destacamos que, apesar de ser condutor das nossas reflexões o trabalho de entrega de comida, controlado pelo aplicativo *Ifood*, neste artigo fazemos deslocamento para reflexões de como foi o processo de pesquisa. Com isso, analisamos as implicações sentidas ao produzir dados ocupando o aplicativo *Ifood* simultâneo a executar o trabalho em espaço geográfico, tendo empregado a participação observante e a observação livre. A participação observante aconteceu com o pesquisador trabalhando/fazendo entregas de comida, se locomovendo com bicicleta. Isto aconteceu no segundo semestre do ano de 2022.

Neste processo foi necessário realizar cadastro no aplicativo (fornecendo informações como nome, número de telefone, documento de identidade, e-mail e foto do rosto) e submeter à aprovação do aplicativo *Ifood*. Mas não conseguimos identificar quais as verificações que foram feitas para a aprovação. O único conhecimento que nos foi possível obter é que ela é constituída por cinco etapas.

Com o cadastro aprovado e instrumentos de trabalho adquiridos com recursos próprios (*smartphone*, bicicleta, mochila com caixa térmica acoplada, capa de celular com alça de pescoço, aquisição de serviço de internet móvel) foi possível se manter disponível (*online*) no aplicativo. E a partir de então, aceitar as ofertas de entregas disponibilizadas pelo aplicativo (sob demanda) e realizar a entrega, sempre controlado pelo aplicativo.

Durante a pesquisa, construímos a categoria “controlado por aplicativo”

devido as diretrizes para a entrega serem determinadas e comunicadas pelo aplicativo. Quando o trabalhador não as segue, fica passível de punição, a exemplo ser bloqueado e considerado inapto para o trabalho. O processo de trabalho é monitorado em tempo real pelo aplicativo *Ifood*, e por outros aplicativos auxiliares.

O controle do trabalho de entrega, ocorre mediante a determinação e monitoramento de informações como trajetos, paradas, tempo de espera, remuneração. A gestão do processo é iniciada pela empresa no instante em que o sujeito ocupa o aplicativo. Isso resulta no domínio da pessoalidade do trabalhador que se dá por meio do reconhecimento facial. Mas o trabalhador não é objeto (apesar de ser objetificado), ele pode (e na maioria das vezes age) resistindo e subvertendo diretrizes (SUN, 2019).

Neste cenário, a princípio, o aplicativo *Ifood* foi definido como ambiente digital a ser pesquisado, porém durante a produção de dados foram acrescentados outros espaços. O adjetivo digital é empregado como sinônimo de sociabilidades, ações e informações que foram desenvolvidas e reduzidas a código binário. A ocupação desses espaços, depende das plataformas *smartphone*, além de conexão à internet (BONINI et al., 2023; GEISMAR; KNOX, 2021; LEITÃO; GOMES, 2017).

Para este artigo, a expressão digital está associada ao *online* (estado de conexão, conectado à internet). Ele se diferencia do espaço nomeado como ambiente geográfico, o *offline* (estado de desconexão), o não digital, configurado como os espaços da cidade onde os trabalhadores transitam a trabalhar. Todavia, não defendemos que o digital e o espaço geográfico possuam fronteiras nitidamente delimitadas.

Em nossa perspectiva os dois espaços (digital e não digital) e estados (*online* e *offline*) se entrelaçam na construção do método, porém com sociabilidades que tendem a ser específicas em cada um deles. Questionamos a (im)possibilidade do estado *offline*, sob a consideração que o estar *online*, ou ainda, estar no digital, é condição para as ações do sujeito trabalhador do *Ifood*.

Já o ambiente geográfico, onde ocorreu a produção de dados, foi delimitado, em princípio, pelo bairro Jardim Camburi, localizado na parte continental de Vitória, Espírito Santo. Este bairro de inscrição faz limites com a praia de Camburi e Mata da Praia. E faz divisa com o município de Serra-ES.

Neste contexto, realizaremos a discussão percorrendo três fases: 1) a infraestrutura *smartphone* e aplicativos como ambientes, sem desconsiderar que o

trabalho é executado transitando também pela geografia da cidade; 2) análise da maneira compreendida como possível de produzir dados dadas as circunstâncias (im)postas; 3) as subversões, acompanhadas das considerações finais, sentidas entre o planejado e o encontrado no processo de pesquisa.

1. O SMARTPHONE E O APLICATIVO – AMBIENTES?

Para entender a interação *smartphone* e aplicativo vamos conceituar e caracterizar o *Ifood* e outros aplicativos que controlam o trabalho como ambiente; refletiremos sobre consequências do uso da infraestrutura *smartphone* para o funcionamento de aplicativos para o trabalho; e o *smartphone* também como espaço, móvel e visível.

Inicialmente, ao conceituar o aplicativo *Ifood*, consideramos que ele além de controlar, tipifica, se não determina, a existência do trabalho apresentado na introdução. Assim, ao considerar este e outros aplicativos usados no trabalho como ambientes, tangencia a escolha das técnicas para produzir dados.

Porém, atribuir a existência do trabalho a existência do aplicativo, não equivale a argumentar que o trabalhador de entrega de comida exista a partir do surgimento de aplicativos como o *Ifood*. O trabalho e as vivências dos trabalhadores foram reconfigurados ao longo do aprofundamento das práticas de uso das tecnologias digitais, fazendo necessário para a execução do trabalho ocupar *smartphones* e aplicativos. No entanto, especula-se que haja locais onde o trabalho de entrega de comida, resista sem reconfiguração.

Ao identificar a necessidade do uso do *smartphone* para o trabalho, funcionante como infraestrutura que permite a operacionalização do *software*, aqui representada pelo aplicativo, implica na ampliação da análise para além do aplicativo *Ifood* - denominado enquanto categoria nativa pelos trabalhadores como “aplicativo”, “app” ou “*Ifood*”, e compreender condições decorrentes desse uso (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2019).

Considera, portanto, a infraestrutura *smartphone* representada como o espaço de uma cidade com diferentes geografias, caracterizadas pelos diversos aplicativos ali instalados. Com isso estilos de vida distintos são enredados na mesma trama a depender

da funcionalidade de cada um deles. Na “cidade” *smartphone*, o trabalhador pode assumir diversas identidades: ao ocupar o aplicativo *Ifood* ser trabalhador, e ao ocupar algum aplicativo de compras ser consumidor. Tais geografias se interligam e se conectam na condição de circularidade (LEITÃO; GOMES, 2017).

Nesse sentido, o *smartphone* enquanto espaço multissitua o sujeito ocupante no digital e no espaço geográfico (não digital). Entretanto, à medida que no espaço geográfico o corpo ocupa um território específico, possível de categorizar como ocupante de uma calçada, rua, bairro, na plataforma a multissituação é em geografias diversas e simultâneas, sem que isso seja necessariamente consciente para quem ocupa (LEITÃO; GOMES, 2017; POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2019).

Constata esta condição no trabalho pesquisado quando ao ocupar o aplicativo *Ifood*, outros também são ocupados, como o *Google Maps*: ao aceitar uma entrega, o trabalhador é direcionado no espaço geográfico por este aplicativo, que orienta os trajetos a serem seguidos. Também, diversas comunicações acontecem em aplicativos distintos: mensagens no decorrer e sobre o trabalho, através de e-mail, serviço de mensagens curtas (SMS) e *WhatsApp*. Além do acionamento da câmera para realizar reconhecimento facial. À medida que listamos estes aplicativos com uso visível, vislumbramos outros usados, entretanto invisíveis.

Entendemos que a multissituação no digital e no não digital está combinada a interpretação de que as barreiras entre estes ambientes são indeterminadas. Corpos, subjetividades e práticas são consolidados em uma existência híbrida, sendo-as “*onlives*”. Isso ocorre, pois à medida que o trabalhador se locomove entre aplicativos durante a execução do trabalho, ou ainda nos diversos espaços de um mesmo aplicativo, o trabalho exige que o corpo do trabalhador também esteja em movimento direcionado. A hibridez (o “*onlife*”) é a impossibilidade de dissociar o trabalhador, ou o próprio trabalho, entre um ambiente ou outro (FLORIDI, 2019).

Neste cenário de multissituação imposta pela infraestrutura *smartphone*, problematiza-o como capaz de moldar interações personalizadas entre usuários finais (trabalhadores e consumidores) e quem o controla. Isto ocorre promovido pelo processamento de dados e sistematização de algoritmos, moduladores da maneira como

o trabalho acontece (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2019)

Tal situação significa que a velocidade que o trabalhador controlado pelo *Ifood* se locomove, os lugares digitais ou não digitais que ocupa, os rendimentos recebidos, entre outras possibilidades, são dados categorizados e usados na formulação de uma identidade. Este fato resulta que as diretrizes para execução do trabalho tendem a ser específicas de acordo com a identidade capturada, além de conduzir a oferta de serviços/produtos e informações. São modos de controle e processos de identificação que tendem a regular modos de vida (CHENEY-LIPPOLD, 2011).

Adiciona a esse processo de controle, o funcionamento e a orientação por algoritmos, aqui compreendidos como códigos de *softwares*. Os algoritmos, enquanto construção humana, são constituídos por diferentes visões de mundo tanto culturais, como sociais, políticas, econômicas e ideológicas. São objetos instáveis que se modificam ao registrar as práticas dos sujeitos, que no caso em análise ocupam aplicativos, ao tempo que também moldam práticas, pois um dos resultados do funcionamento de algoritmos são determinações e diretrizes para nortear o trabalho (SEEVER, 2017).

A interação entre *software*/algoritmo e trabalhador, não deve ser no sentido de interpretar o trabalhador passivo diante de um sistema de controle e vigilância. Subversões e modos de enfrentamento ocorrem durante o trabalho, motivadas principalmente por estratégias de resistência diante de contrariedades e imprevistos ocorridos no espaço geográfico da cidade (SUN, 2019).

Ao fim desta seção, destacamos a relevância para o trabalho e para a pesquisa, da evidente percepção que o *smartphone* é um objeto móvel e visível. Sê-lo móvel, carregado/transportado geralmente próximo ao corpo, possibilita o georreferenciamento do trabalhador, viabilizando a produção de materiais definidos por categorias, medidas e outras representações e configurando processos de datificação (MEJIAS; COULDRY, 2019).

Consideramos, entretanto, que inúmeras outras categorias são produzidas como o tempo de deslocamento de um trabalhador ou quantidade de paradas no percurso de uma entrega. Beneficiam-se deste processo empresas que capturam, organizam e instrumentalizam tais dados, aperfeiçoamento modelos de controle do trabalhador (MEJIAS; COULDRY, 2019).

Ressaltamos que as percepções de multissituação e de vidas “*onlifes*”, devem ser combinadas com o constante lembrete de o trabalho está associado ao trabalhador: o humano é condição ontológica para a existência do labor. Como consequência, uma absoluta codificação no e para o digital encontra empecilhos e resistência na organicidade e criatividade.

2. A DECISÃO DE COMO PRODUZIR DADOS

Baseados nas implicações da seção anterior, a seguir apresentaremos como os dados foram produzidos. Encerraremos a seção refletindo sobre a possibilidade de incorporar outras formas de produção de dados.

A decisão de como produzir dados foi feita em consonância com a condição de que o aplicativo multissitua, além de favorecer a hibridez “*onlife*”. Por isso os dados foram produzidos considerando dois ambientes principais: o digital - aplicativos usados no trabalho- e os espaços geográficos percorridos para as entregas (não digitais). Então, selecionamos para a pesquisa as técnicas de observação livre e participação observante, direcionados pelo saber fazer: transformamos para conhecer e não conhecemos para transformar, o que resultou na construção de uma cartografia (PASSOS; BARROS, 2015).

Construir a cartografia exigiu idas e vindas, percorrendo caminhos entre multidões (condição de pesquisa em plataformas), e pela inclusão de maneira problemática no campo. Este posicionamento repercutiu em inadmitir neutralidade, já que promover a pesquisa, estando em situação de trabalho, ocasiona intervenções (BARROS; KASTRUPP, 2015; LEITÃO; GOMES, 2017; CHENEY-LIPPOLD, 2011).

Neste sentido, o uso da participação observante ocorreu como maneira de empreender esforços em não ser um observador externo, em situação de retaguarda ou sob um universo específico, e sim de trabalhar, vivenciar condições e imposições do trabalho com o próprio corpo e alma e essas ações possibilitarem compreensões. Com isso, alcançamos uma aproximação suficiente para trabalhar em uma condição quase experimental, porém sem deixar de produzir estranhamentos (WACQUANT, 2002).

Já a observação livre aconteceu com o preambular, ao se colocar em observar despretensiosamente o espaço pesquisado com objetivo de aprender sobre a cidade e os aplicativos, percorrendo as ruas, links e páginas, sem necessariamente fazer estes trajetos com o propósito de trabalhar. Esta maneira de observar, permeou o pesquisador enquanto

sujeito e esteve presente em quaisquer possibilidades de estar no espaço de pesquisa, independente de se colocar pró-pesquisa. Permitiu perceber a geografia com percalços, facilitadores e produtores de vivências para então se trabalhar nesta geografia observada (BENJAMIN, 1994).

No aplicativo *Ifood*, a observação livre consistiu em uma vez iniciado o cadastro para tornar-se trabalhador, observar comunicações, páginas do aplicativo e seu próprio funcionamento, entretanto, neste território é tênue a separação entre as duas maneiras de observar. Isso porque apenas conseguimos adentrar o aplicativo destinado a controlar o trabalho, quando se assumiu a condição de trabalhador, ou seja, foi preciso fazer o cadastro e ter a aprovação para ser entregador para que assim se ocupasse o aplicativo.

Nesse sentido, quaisquer acessos ao aplicativo já importaram em se sujeitar a processos de datificação, ou ainda, aos algoritmos. Percebemos com isso que não há maneira de ocupar o aplicativo sendo neutro, sem deixar rastros digitais tais como registros de *log*, *cookies* e dados de GPS. Assim a prática da observação livre foi desafiada pela lógica de funcionamento do aplicativo (BENNATO, 2021).

Implica em refletir se a observação livre neste ambiente é possível, devendo então assumir uma inteira participação observante. Contribui com este argumento, analisar quais ações são consideradas trabalho no contexto do aplicativo: a consulta de notificações no aplicativo sobre picos de demanda, ou maior remuneração em determinado dia, é trabalho? Assumir essas, entre outras ações como trabalho, é se aproximar da participação observante.

Também constatamos que ao ocupar aplicativos, caracterizados pelo grande fluxo de dados, os efeitos da participação observante e da observação livre, tendem a não ser claras, com reduzidas possibilidades do pesquisador ser ouvido, percebido e considerado, mesmo se apresentando como tal. A identidade dos sujeitos ali inseridos, são codificadas e categorizadas, sendo subjetividade, personalidade, e a própria identificação, expectativas enquanto sujeito, não se concretizando no *online* (GEISMAR; KNOX, 2021; LEITÃO; GOMES, 2017).

Condição análoga é experimentada no espaço geográfico da pesquisa, uma vez que, durante a produção de dados, o pesquisador nunca foi questionado sobre sua condição de entregador: no fluxo das multidões, tornou-se mais um trabalhador. As

multidões que compartilham constroem sociabilidades nos territórios pesquisados, identificam o que está na superfície, neste caso o trabalhador, e não o pesquisador.

Por fim, refletimos sobre a emergente verificação de viabilidade para que traços digitais possam ser incorporados como dados a serem analisados, pois eles podem permitir compreender processos, uma vez que registram coleção de comportamentos específicos. Porém, persiste o desafio em determinar o traço (ou traços) a serem rastreados, decodificá-lo como processo social e localizar seu produtor (BENNATO, 2021).

Com isso, constatamos a imprescindibilidade de técnica de produção de dados que dê conta de seguir o processo de trabalho tal como propomos com a participação observante, pois a determinação de um traço digital é dependente de compreender quais são as categorias que estão sendo registradas e codificadas. Também é preciso observar e investigar atentamente quais são os espaços digitais ocupados. Contribui esse entendimento, o fato que a percepção de uso no trabalho do *Google Maps*, ou ainda, da câmera, entre outros espaços, ocorre quando se propõe a trabalhar. Ressaltamos ainda que determinar traços digitais, exige posicionamento criativo do pesquisador, pois é possível rastrear específicos traços com objetivos também específicos, como monitorar batimentos cardíacos durante entregas, elevação de altitude no plano geográfico e a própria velocidade nos diferentes trajetos.

Tal perspectiva é capaz de trazer a pesquisa, relevância de com um método participativo e criativo, contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens, capaz de lançar luz sobre o papel dos usuários (trabalhadores, consumidores e produtores), o impacto do funcionamento de algoritmos, e a produção de dados em suas decisões.

No entanto, é preciso considerar que o principal aplicativo observado (*Ifood*), é controlado por uma pessoa jurídica de direito privado, ao qual, por evidente, lida com os dados, algoritmos, e os próprios traços digitais, como informações a serem usadas em aperfeiçoamentos estratégicos. Isto pode resultar que o rastreio nem sempre seja alcançado como se fora planejado/pensado, assim como outras predefinições que abrangem o método (ALBURY et al., 2017; BENNATO, 2021).

É a partir da percepção de distanciamentos entre o planejado e o viável, que promovemos à terceira implicação: subversões sentidas no pesquisar e as considerações finais.

3. SUBVERSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disposição do pesquisador em acompanhar o processo de trabalho controlado por aplicativo, exigiu a também disposição em se propor a conhecer e aplicar técnicas para produzir dados, sob a consideração de que o trabalho acompanhado, está enredado por um ambiente digital e por um ambiente geográfico (não digital) e as especificidades de cada, exige adequação das técnicas. Acrescenta a necessidade em analisar a viabilidade de se empreender determinados modos de produzir dados, já que não basta ser adequado, precisa ser viável.

A partir dessas considerações, defendemos como adequadas as técnicas de participação observante e observação livre, entretanto compreendemos que refletir sobre subversões entre o que foi planejado e o sentido ao pesquisar, pode contribuir com pesquisas futuras.

Nisso, consideramos que a modalidade do trabalho investigada, dada sua dinâmica, exige do pesquisador movimentos de fazer, refazer, adaptar-se a partir do vivenciado em campo. Para lidar com isso, foi construída pesquisa com estratégias metodológicas flexíveis, sintonizada com o modo de trabalho pesquisado, exigente de flexibilidade, dinamicidade polivalência e com fronteiras moveáveis (KASTRUP, 2009; SCHESER; GRISCI, 2022).

Assim, a primeira subversão percebida, foi a temporalidade e a não transparência do aplicativo *Ifood* no processo de cadastro. Havia expectativa por um cadastro imediato, entretanto foram 10 (dez) dias para obter a aprovação ocorrida em 5 (cinco) etapas representadas por pequenos círculos que mudam de cor de acordo com o avançar, sem que seja esclarecido o que é cada uma destas etapas:

São cinco etapas [...]em formato de bolinhas, no entanto, sem nada descrevendo o que são [...]. Quando está para iniciar a etapa a bolinha está escura, e de um tamanho menor, quando está sendo analisado aquela etapa, a bolinha fica amarela, e quando finalmente aprova, a bolinha se transforma em verde (Diário de campo – 17 de set. de 2022).

Percebe que na relação entre pesquisador/trabalhador e aplicativo, há supremacia do aplicativo, se não, supremacia do funcionamento de algoritmos, determinantes daqueles que estarão aptos ou inaptos ao trabalho. Também há assimetria de informação, à medida que para o cadastro o trabalhador informa dados como foto do

rosto e documento de identidade, e não fica ciente de como são analisados (SUN, 2019).

Outra subversão é a condição de estar multissituado durante o trabalhar em múltiplos aplicativos. Esta possibilidade não foi cogitada na fase de planejamento do método. Como resultado, ao iniciar a participação observante, houve coação a usar outros aplicativos, sem possibilidade de escolha. Ainda, especulamos o uso de outros aplicativos sem a consciência deste uso, resultando em não observação. Para o trabalhador, implica em fornecer dados, produzir traços digitais e contribuir para que informações sejam usadas no aperfeiçoamento de algoritmos que controlam o trabalho, sem ciência desses processos.

Como última subversão destacamos as moveções fronteiras do território geográfico não digital, produzido pelo aplicativo. No início havia intenção de situar a pesquisa no bairro Jardim Camburi, cidade de Vitória (ES), porém ao trabalhar o aplicativo determinou coletas e entregas em bairros vizinhos. Soma a este fato, a divisão de regiões no aplicativo, aparentemente condicionadas ao aspecto físico de proximidade, subvertendo a lógica de bairro/município e suas divisões políticas/administrativas.

Resultou que, estando no bairro Jardim Camburi limítrofe ao município de Serra-ES, ocorreram significativa quantidades de entregas em bairros vizinhos, já em outro município. Trouxe para pesquisa, maior diversidade de sociabilidades e desafios do território geográfico: falta de ciclovias e/ou calçadas, rodovias de alta velocidade, ladeiras, ruas não pavimentadas, disputa por espaços.

Por fim, as implicações e subversões sentidas no pesquisar, evidenciam a necessidade de que para construir método com a finalidade de compreender trabalho controlado por aplicativo, deve se assumir postura reflexiva e flexível, capaz de incorporar vivências do pesquisador nos diversos ambientes ocupados, porém acompanhado de rigor do método mediante a busca por critérios: delimitações geográficas, de objeto e de tempo (ROSÁRIO; COCA, 2018).

REFERÊNCIAS

ALBURY, K. et al. Data cultures of mobile dating and hook-up apps: Emerging issues for critical social science research. **Big Data and Society**, v. 4, n. 2, 1 dez. 2017.

ANTUNES, R. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENNATO, D. The Digital Traces' Diamond. A Proposal to Put Together a Quantitative Approach, Interpretive Methods, and Computational Tools. **Italian Sociological Review**, v. 11, n. 4, p. 207–224, 2021.

BONINI, T. et al. Cooperative affordances: How instant messaging apps afford learning, resistance and solidarity among food delivery workers. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, p. 135485652311535, 25 jan. 2023.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo - a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. 2ª Reimpre ed. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

CHENEY-LIPPOLD, J. A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control. **Theory, Culture & Society**, v. 28, n. 6, p. 164–181, 2011.

FLORIDI, L. “A era do Onlife, onde real e virtual se (com)fundem”. **Entrevista com Luciano Floridi**. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/593095-luciano-floridi-vou-explicar-a-era-do-onlife-onde-real-e-virtual-se-com-fundem>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

GEISMAR, H.; KNOX, H. Introduction 2.0. Em: GEISMAR, H.; KNOX, H. (Eds.). **Digital Anthropology**. 2. ed. London; New York: Routledge, 2021. p. 1–18.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Em: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, DA L. (Eds.). **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17–31.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, v. 42, p. 41–65, 2017.

MEJIAS, U. A.; COULDRY, N. Datafication. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, 2019.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. DE. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. Em: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. DA (Eds.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17–31.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, 2019.

ROSÁRIO, N. M. DO; COCA, A. P. **A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação**. [s.l: s.n.].

SCHESER, A. L.; GRISCI, C. L. I. Cartografia como Método de Pesquisa para Estudos de Trabalho e Subjetividade. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. Sup 1, p. 1–14, 2022.

SEAVER, N. Algorithms as culture: Some tactics for the ethnography of algorithmic systems. **Big Data and Society**, v. 4, n. 2, 1 dez. 2017.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil - mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

SUN, P. Your order, their labor: An exploration of algorithms and laboring on food delivery platforms in China. **Chinese Journal of Communication**, v. 12, n. 3, p. 308–323, 2019.

WACQUANT, LOÏC. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.